

CHRISTINA BIELINSKI RAMALHO. **VOZES ÉPICAS: HISTÓRIA E MITO SEGUNDO AS MULHERES** (825 pp). UFRJ.
ORIENTADOR: Prof. Dr. Anazildo Vasconcelos da Silva

Simone Caputo GOMES¹

Logo ao primeiro olhar, compartilhamos com Christina Bielinski Ramalho a magia do excesso: da Palavra extensa, bem usada e da redação bem construída, do excesso da Busca e do saber.

Esta ousadia do excesso, traz-nos um texto em estilo barroco esfuziante, que dissemina inúmeras informações e as recolhe ao início ou fim de cada canto-capítulo, utilizando com mestria a técnica de disseminação-recolecção do maneirismo e do barroco.

A Tese de Christina é um espelho de como ela se coloca no mundo, uma verdadeira “encenação da identidade”, como diz Bhabha: plena de **riqueza**. No enciclopedismo da bibliografia e do texto, na abundância e propriedade das epígrafes, na originalidade das entrevistas, na fartura dos anexos.

Seu trabalho é uma viagem e, sobretudo, um “passeio”, literário (da Grécia à África), teórico (do épico de Aristóteles ao de Anazildo Vasconcelos da Silva e às reflexões próprias) e crítico (a relação entre a teoria feminista e o épico na contemporaneidade).

Sua viagem épica, como define a autora, é um “canto de pesquisadora, escritora e mulher”, **dedicado** “às mulheres que souberam ousar”; viagem que organiza e vivencia o caos positivo que habita a mente da autora de uma forma estruturada, em **10 cantos-capítulos**, tendo um Plano extremamente didático como norte

A estrutura épica do texto mimetiza o assunto, apresentando o já citado enciclopedismo, a dupla dimensão (real, sustentada pelas incursões teóricas, e mítica, traduzida nos textos épicos visitados ou revisitados). **A ação heróica**, conciliar vida e pesquisa, foi muito bem cumprida numa viagem que eu chamaria de afetivo-intelectual. As **musas invocadas**, de Calíope a Iemanjá, cumpriram o seu papel.

A Proposição, já evidenciada ao início dos trabalhos de Mestrado, é verificar a ocorrência de manifestações literárias épicas de autoria feminina, assim como a ocorrência de heroínas épicas.

O corpo do trabalho documenta o percurso da formação da autora, traçando um histórico sobre o épico para então eleger a teoria da Semiotização Épica do Discurso, de Anazildo Vasconcelos da Silva, como a mais competente para abordar o *corpus* recortado. Nesta homenagem, Christina “passeia” pelo entorno teórico que embasa a teoria, brindando o leitor com as teorias da Semiotização Retórica, Lírica e Ficcional do Discurso.

Neste ponto da leitura lembrei a minha formação de aluna da UFRJ, com o Prof Anazildo então estruturando o seu edifício teórico, que Christina Ramalho hoje apresenta na sua deslumbrante arquitetura filosófica, reconhecida nacional e internacionalmente.

Vamos falar agora do Desenvolvimento da Tese.

Também como apoio teórico, a autora recorre à discussão sobre o **Hibridismo** para refletir acerca da experiência humano-existencial na atualidade e sobre sua representação discursiva, fundando uma categoria própria, **a circularidade cultural das imagens míticas**. Conclui, a esta altura, que a poesia épica ocidental está impregnada pela circularidade cultural das imagens míticas *clássicas*, que ressaltam características socialmente negativas atribuídas às mulheres e cultuam a dominância da estrutura patriarcal; ou reafirmam a religiosidade cristã nas estruturas sociais, com sua estrutura patriarcal branca misogínica (páginas 327/332), em que a mulher é santa ou pecadora.

O levantamento sobre os mitos (da Grécia aos étnico-regionais) e a constatação da circularidade cultural de suas imagens permitem que Christina demonstre como o acesso da mulher

¹ Profa. Doutora em Letras, Literaturas da Língua Portuguesa, PUC/RJ; Pós-Doutoramentos em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa na Universidade de Lisboa.

à escritura épica pode contribuir para a desconstrução, a transgressão e a reformulação do registro histórico-literário da experiência humano-existencial (página 19).

Outro gancho teórico que a autora aproveita e desenvolve é a **relação entre os discursos histórico e artístico** em tempos de globalização; a formação de novas identidades culturais; a história das mulheres e em que espaço se insere a produção épica na Nova história que está sendo construída (página 371), mostrando como o texto épico produzido por mulheres contribui para o redimensionamento da história e das identidades nacionais. A desconstrução da dicotomia *público/privado* e a revisão do conceito de *família* permitem este redimensionamento da atuação da mulher nos espaços físico, cultural, socioeconômico, institucional, assim como a visibilidade dos textos femininos como discursos históricos.

Ao assumir sua “significância cultural” (página 402), as mulheres passam a ESCREVER AS SUAS NAÇÕES (página 396). Este, para mim, é **um ponto alto da TESE**, que encontra eco nas escrituras de autoria feminina nas várias Nações de língua portuguesa.

O próximo porto da Tese-viagem é estudar **o heroísmo épico e o sujeito histórico**, partindo do enclausuramento feminino até chegar à heroína épica: Christina Ramalho vai estudar as heroínas épicas em textos masculinos, em textos femininos e também as relações entre a intencionalidade épica e a intencionalidade feminista.

Por fim, a Ilha dos Amores aqui surge no horizonte do estudo do *corpus* literário específico, as obras épicas de autoria feminina (150 páginas de 773 totais de texto). Consolidado o repertório teórico, a autora parte para usufruir a liberdade de ler e analisar cada poema apresentado.

Escolhendo 10 autoras, em paralelo com os seus Cantos, Christina chega ao décimo canto, destacando as obras de Stella Leonardos e Neide Archanjo (na minha leitura, **o ápice do trabalho**), ressaltando, com sabedoria, o caráter “problemático” do *corpus* quanto à literariedade, visto que muitos textos ainda habitam o *limbo* do cânone. (38).

A transgressão operada em vários níveis em *As marinhas*, bem demonstrada (passo-a-passo) por Christina Bielinski Ramalho, acaba por patentear que chegou, com êxito, ao final da viagem, “estabelecendo parâmetros para uma metodologia de investigação crítico-feminista de poemas épicos” (página 421).

Na belíssima e rápida Conclusão (tão rapidamente quanto os navegadores portugueses voltam à pátria n’*Os Lusíadas*, porque o importante não é chegar, mas viajar) a autora resgata o épico como um gênero VIVO.

Ressalto, então, que, ante o reduzido número de estudiosos que se dedicaram à produção épica, a tese citada preenche um vazio secular, apoiada por uma teoria eficiente para acompanhar as transformações estruturais da epopéia, como quer Anazildo Vasconcelos da Silva (página 111).

Estou certa de que a tese que ora apresentamos pode dar uma contribuição importante também para a leitura de poemas longos (como *Pão & fonema* e *Árvore & tambor*, de Corsino Fortes) e de textos narrativos africanos de língua portuguesa que resgatam o ESCREVER A NAÇÃO E A IDENTIDADE.

Recomendamos efusivamente aos estudiosos do épico e de textos contemporâneos, especialmente os de autoria feminina, a leitura do trabalho de Christina Bielinski Ramalho, com o qual tive o privilégio de ter um diálogo estreito como examinadora e que tanto prazer me causou como leitora, pelo seu didatismo sem reducionismo, mas repleto de abertura criativa.